



COBENGE
2021

XLIX Congresso Brasileiro
de Educação em Engenharia
e IV Simpósio Internacional
de Educação em Engenharia
da ABENGE

28 a 30 de SETEMBRO

Evento Online

"Formação em Engenharia:
Tecnologia, Inovação e Sustentabilidade"

EQUIDADE DE GÊNERO: DESAFIOS QUE PERSISTEM NA ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFF

DOI: 10.37702/2175-957X.COBENGE.2021.3561

Victoria Azeredo Berbert - victoriaberbert@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense

Rua Antonio Parreiras 15

24210-320 - Niterói - RJ

Lucas Pimenta dos Santos Monteiro - lucas_pimenta@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense

Alameda São Boaventura 612

24120-191 - Niterói - RJ

Luiz Fernando Kropf de Camargo e Silva - luizkropf@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense

Rua Presidente Pedreira 153

24210-470 - Niterói - RJ

Lucas Bonato de Souza Carvalho - lucasbonato@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense

Alameda São Boaventura 159

24130-005 - Niterói - RJ

Ana Carolina de Mello Pinho - acmpinho@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense

Rua Geraldo Martins 23

24220-380 - Niterói - RJ

Fabiana Rodrigues Leta - fabianaleta@id.uff.br

Universidade Federal Fluminense

R. Voluntários da Pátria 100

22270-010 - Rio de Janeiro - RJ

Resumo: A questão da equidade de gênero ainda é um desafio no Brasil e no mundo. A participação feminina nos cursos de graduação em Engenharia e no mercado de trabalho, onde recebem salários inferiores aos dos homens,

Promoção:



Realização:





COBENGE
2021

XLIX Congresso Brasileiro
de Educação em Engenharia
e IV Simpósio Internacional
de Educação em Engenharia
da ABENGE

28 a 30 de SETEMBRO

Evento Online

"Formação em Engenharia:
Tecnologia, Inovação e Sustentabilidade"

demonstra que políticas públicas devem ser efetivamente implementadas para solucionar essa situação. Este artigo apresenta uma reflexão sobre esse tema por meio da análise atual da Escola de Engenharia da UFF. Embora tenha havido um pequeno aumento no número de mulheres matriculadas nos cursos de graduação em Engenharia recentemente, não houve uma evolução significativa nesse cenário, que foi ainda mais agravado pela pandemia Covid-19.

Palavras-chave: Mulheres, Equidade, Gênero, Engenharia

Promoção:



Realização:



EQUIDADE DE GÊNERO: DESAFIOS QUE PERSISTEM NA ESCOLA DE ENGENHARIA DA UFF

1 INTRODUÇÃO

A partir do artigo "Análise de Equidade de Gênero: Estudo de Caso na Escola de Engenharia da Universidade Federal Fluminense (MELLO et al, 2017), busca-se realizar um recorte mais atual a fim de analisar se houve neste curto espaço de tempo alguma evolução, ou mudança de percepção do preconceito vivenciado pelas alunas da Escola de Engenharia. Sem ignorar, contudo, o contexto externo decorrente da pandemia.

Sousa (2014) destaca em Casa-grande e Senzala e o patriarcado: um diálogo crítico com a teoria feminista:

[...] Gilberto Freyre justifica-se por ser um dos autores do pensamento social que mais se deteve na análise do patriarcado brasileiro, regime presente na formação da família e da sociedade em geral [...] (SOUSA, 2014, p.62)

A importância deste trabalho está na possibilidade de contribuir para a reflexão e o entendimento das condições de permanência e atualização do patriarcado em suas manifestações contemporâneas [...] (SOUSA, 2014, p.62).

De fato, o preconceito se origina desde a constituição do Brasil, muito motivado pela cultura do patriarcado, na qual, apenas, homens ocupam posições de liderança em suas relações familiares e sociais. Atualmente, é razoável afirmar que comportamento semelhante a esse acarreta o preconceito vivido pelas mulheres. No âmbito acadêmico e tecnológico, mais diretamente relacionado à ciência exata, as mulheres ainda se deparam com frases preconceituosas, baixo espaço e pouco incentivo à sua formação acadêmica, bem como baixa representatividade dentro das instituições.

De acordo com a socióloga e analista de dados Natália Leão, a questão de gênero começa a pesar no momento de escolha da profissão uma vez que mulheres tendem a escolher profissões com maior maleabilidade de tempo, para cuidar dos filhos (OLIVEIRA, 2020). Existindo ainda um estigma cultural de profissões consideradas femininas, que não incluem as Engenharias.

No âmbito acadêmico, a questão de representatividade pode ser observada nas Escolas de Engenharia, onde poucas mulheres assumem cargos de direção. No ano de 2020, por exemplo, a Escola de Engenharia da UFF completou 68 anos, e nesse período apenas uma única mulher tornou-se diretora desta unidade.

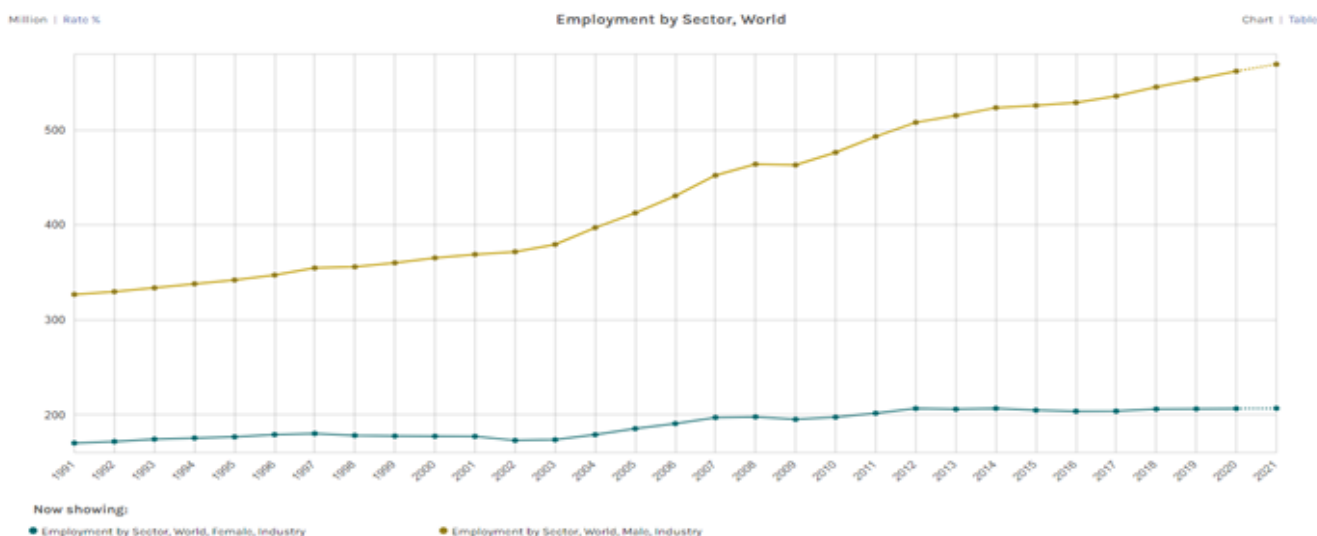
Portanto é fundamental uma análise constante da relação entre mulheres, ciência e tecnologia, sobretudo em um aspecto mais próximo da realidade por elas enfrentadas. Neste sentido, o presente artigo visa refletir e expor sobre o preconceito que ainda permanece em pleno século XXI.

2 IGUALDADE DE GÊNERO

Apesar das contínuas conquistas por igualdade de gênero, mundialmente tem-se o maior emprego de mão de obra masculina. Segundo dados da ILO (*International Labour Organization*) a participação feminina na força de trabalho mundial em 2019 era de cerca de 39%. Tais dados evidenciam o domínio dos fatores de produção pelos homens. Essa

assimetria torna-se mais significativa no setor tecnológico considerando que um menor número de mulheres está alocado neste setor (FIG. 1).

Figura 1 – Mulheres e homens empregados no setor industrial ao longo dos anos no mundo.



Fonte: ILO (2021)

A disparidade precede o mercado de trabalho e é bem presente nas universidades. De acordo com um estudo realizado pela *Society of Women Engineers*, na Índia, em 2018, apenas 29,7% das matrículas realizadas para cursos de engenharia e tecnologia eram de mulheres (SWE, 2018). No Canadá neste mesmo período havia cerca de 23,4% (SWE, 2019). No Brasil 57% das matrículas em universidades são de mulheres, porém pode-se estimar que cerca de 35% correspondem a cursos de Engenharia. Dessa forma, observa-se a necessidade de analisar esta problemática, que aparenta independer de aspectos culturais e sociais, a fim de buscar soluções que possibilitem uma maior equidade de gênero.

Segundo Santos (2017), Edwiges Maria Becker Hom'meil foi a primeira mulher a formar-se engenheira no Brasil, em 1917. Entretanto, mais de um século depois, as mulheres ainda lutam para conquistar seu espaço na área. De acordo com o quadro de profissionais disponibilizado pelo CONFEA (Conselho Federal de Engenharia e Agronomia), atualmente, as mulheres ocupam apenas 18,9% do total de profissionais ativos registrados no Brasil e 17,7% na categoria de engenharia no CREA-RJ.

Outro dado alarmante é a desigualdade salarial em função do gênero do profissional. Segundo o estudo Estatística de Gênero: indicadores sociais das mulheres no Brasil (IBGE), em 2019, as engenheiras recebiam salários inferiores a 77,7% do rendimento dos profissionais homens para a mesma função. Cabe destacar que em 2009 foi apresentado o Projeto de Lei da Câmara número 130/2011 que trata da igualdade salarial, estabelecendo multa para empresas que pagarem salários diferentes para homens e mulheres que exerçam a mesma função, dentre outras situações (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2011). Este PLC foi enviado ao Senado em 2011 e apenas em 2021 foi analisado por esta instituição retornando para a Câmara para novos ajustes.

No âmbito acadêmico, em geral, é notória a participação feminina. Dados do Censo de Ensino Superior de 2019 apontam que, no Brasil, um maior número de mulheres se matriculou em universidades (FIG. 2) e concluíram seus cursos (FIG. 3) do que homens.

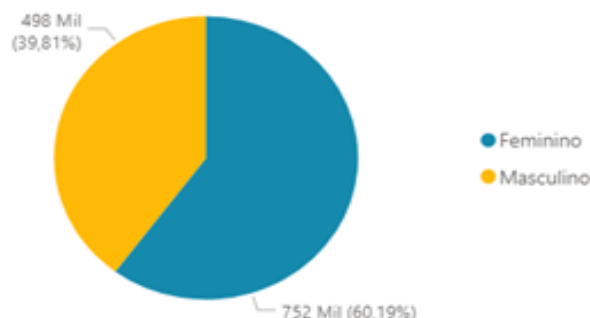


Figura 2 – Número de matrículas no ensino superior no Brasil.



Fonte: Autores.

Figura 3 – Número de concluintes do ensino superior no Brasil.



Fonte: Autores.

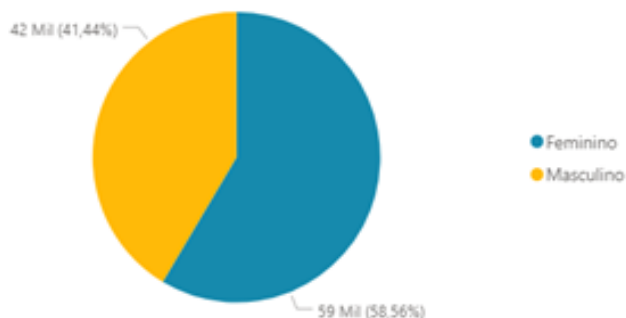
No escopo estadual do Rio de Janeiro tem-se o mesmo comportamento. Tendo as mulheres com um nível de instrução superior aos indivíduos do sexo masculino (FIG. 4 e FIG. 5).

Figura 4 – Número de matrículas do ensino superior Rio de Janeiro.



Fonte: Autores.

Figura 5 – Número de concluintes do ensino superior Rio de Janeiro.



Fonte: Autores.

Apesar dessa maior presença e formação feminina no ensino superior, o relatório da “*Education at Glance 2019*” concluiu que, mesmo com 34% a mais de probabilidade de se formar, as mulheres possuem menos chances de conseguir emprego (IDOETA, 2019). O estudo apontou que a empregabilidade de mulheres brasileiras é de 82%, enquanto entre homens esse número sobe para 89%. Isso pode ser explicado por uma maior necessidade de dedicação à família, falta de apoio e preconceitos vivenciados todos os dias pelas mulheres.

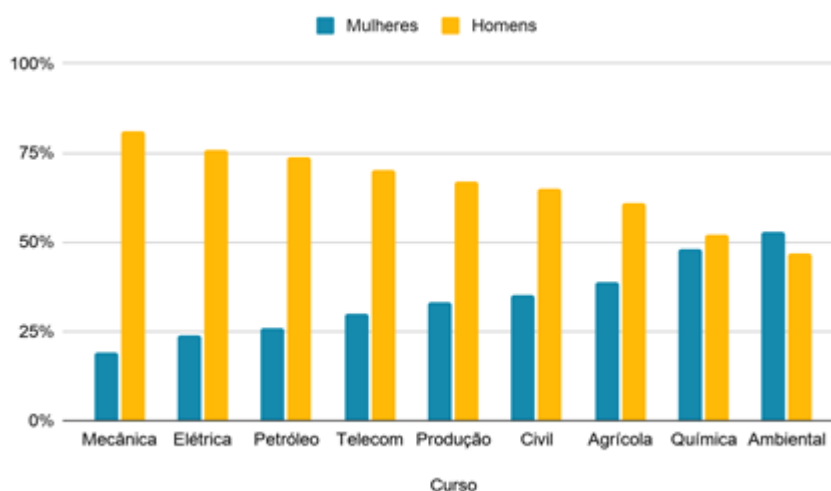
Esse problema de equidade de gênero no mercado de trabalho, enraizado na sociedade, foi evidenciado e agravado com o advento da pandemia global do Covid-19, que gerou uma piora no mercado de trabalho brasileiro, onde as mulheres foram as mais impactadas. Segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea), o percentual de mulheres economicamente ativas foi de 45,8% no terceiro trimestre de 2020, registrando seu menor valor desde 1990, quando o percentual era de 44,2% (FONSECA E SUTTO,

2021). Além das áreas de atuação majoritariamente exercidas por mulheres terem sido as mais afetadas economicamente, o aumento das tarefas domésticas e os cuidados das crianças, intensificado pela suspensão das aulas nas escolas, se tornaram empecilhos muito grandes, ocasionando um abandono do mercado de trabalho por 7 milhões de mulheres em março de 2020, dado referente à Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (AGÊNCIA O GLOBO, 2021).

Além disso, a escolha dos cursos, que possuem diferentes empregabilidades e rendas, também influencia essa condição, com uma maior representação feminina nos campos de educação e ciências sociais, jornalismo e informação, enquanto os homens estão mais presentes nas áreas de tecnologias da informação, engenharia e construção

Essa segregação ocupacional por gênero é vista no universo de pesquisa deste artigo, na Universidade Federal Fluminense campus Praia Vermelha, que, de acordo com dados disponibilizados pelo "Sistema de Transparência UFF" em 2021 (UFF, 2021), apenas 35,7% das estudantes de engenharia são mulheres (FIG. 6).

Figura 6 – Comparativo de gênero Engenharia UFF - Praia Vermelha – 2021.



Fonte: Autores.

Com o intuito de evidenciar a intenção de entrada das mulheres na universidade nos cursos de Engenharia, foram analisados os dados do SISU da Universidade Federal Fluminense (UFF) para o ano de 2020. De maneira análoga à porcentagem de alunas matriculadas no ano de 2021, a lista do SISU contou com o interesse de apenas 39% por mulheres, refletindo o baixo estímulo para a entrada de mulheres na área tecnológica pela sociedade como um todo.

3 METODOLOGIA

Nesta pesquisa, o objetivo foi avaliar a presença feminina nos cursos de engenharia da Universidade Federal Fluminense (campus Praia Vermelha), assim como entender a realidade vivida pelas estudantes que optaram por seguir essa carreira. Para isso, o estudo foi dividido em duas partes: contextualização e coleta de dados.

Na primeira parte do estudo, foi realizado um levantamento bibliográfico para compreender o panorama mundial e brasileiro da participação feminina nas universidades e mercado de trabalho, bem como uma análise de dados fornecidos pela própria universidade, apresentados no item anterior. Já na segunda parte, foi adotada uma

pesquisa com abordagem qualitativa e quantitativa descritiva, através do estudo de campo. Para a coleta dos dados, foi desenvolvido um questionário online utilizando a ferramenta *Google Forms* e tal formulário foi divulgado através das redes sociais e e-mail para as alunas de engenharia da universidade.

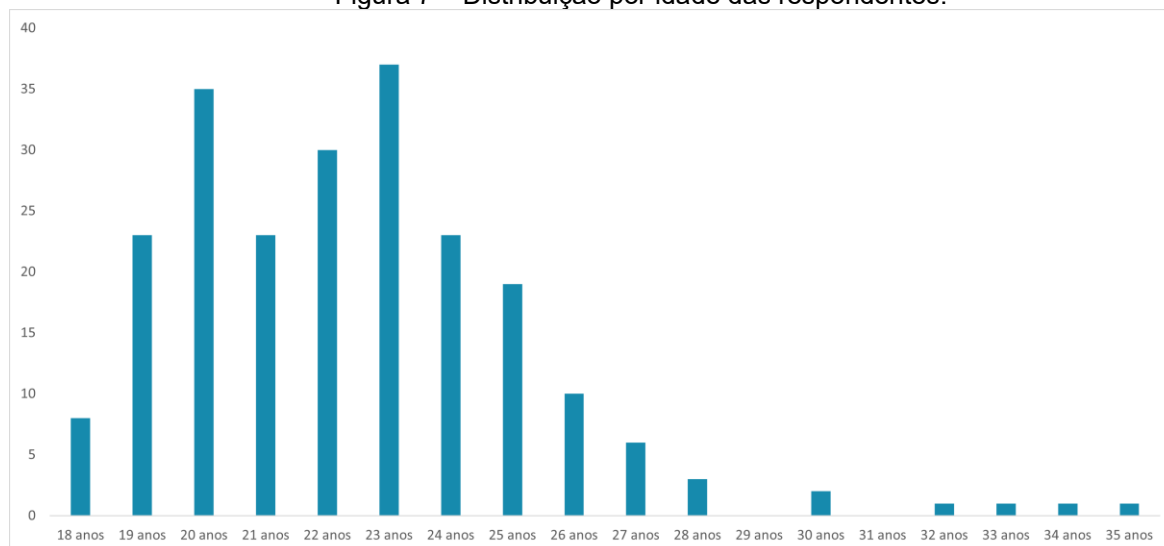
As perguntas do questionário tinham por objetivo sondar as razões pelas quais as alunas optaram por seguir carreira na área de engenharia e quais fatores acreditavam terem influenciado na escolha, além de obter relatos sobre preconceitos vividos e pretensões para o futuro no mercado de trabalho.

Todas as respostas contabilizadas nesta pesquisa referem-se às alunas das 9 graduações presentes na unidade Escola de Engenharia de Niterói, a saber: Engenharia Agrícola e Ambiental, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia de Petróleo, Engenharia de Produção, Engenharia Química, Engenharia de Recursos Hídricos e Meio Ambiente e Engenharia de Telecomunicações. Ao todo foram obtidas 223 respostas das 1409 alunas matriculadas, dado coletado no "Sistema de Transparência UFF" em abril de 2021. E com um grau de confiança de 95%, a pesquisa apresenta 6% de margem de erro.

4 RESULTADOS

Num primeiro momento buscou-se obter dados como idade e curso de graduação de modo a ter um panorama geral da amostra analisada (FIG. 7). Em seguida, procurou-se entender quais motivos levaram essas mulheres a optar pelo curso que estudam hoje.

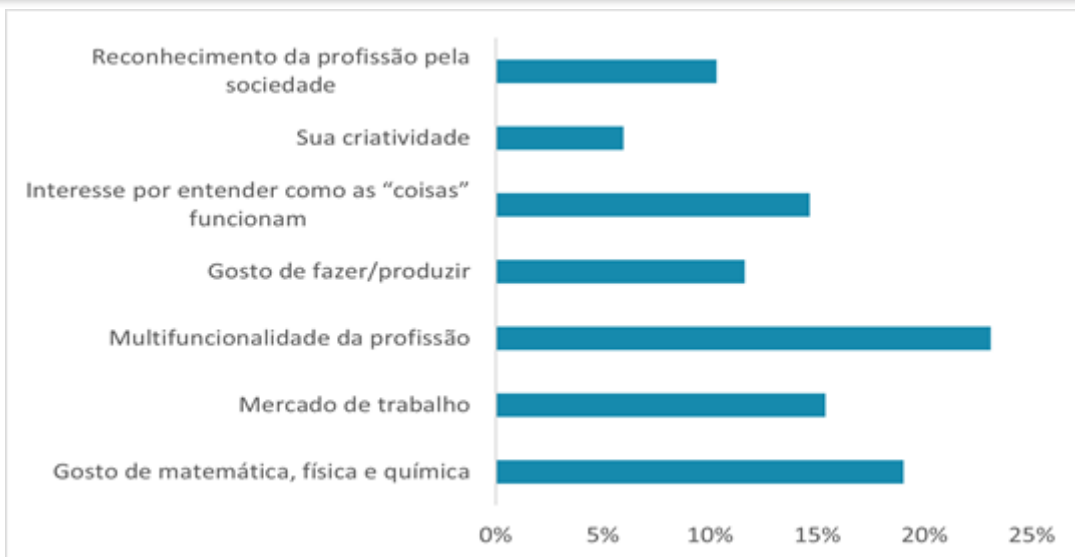
Figura 7 – Distribuição por idade das respondentes.



De acordo com as respostas obtidas, grande parte das mulheres escolheu a engenharia devido à sua multifuncionalidade e por gostar das matérias de Matemática, Física e Química na escola (FIG. 8).

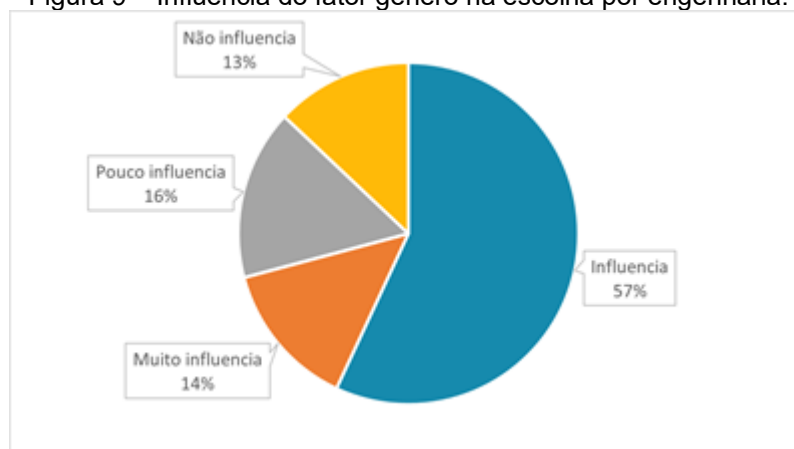
Ao serem perguntadas o quanto acreditam que o fator gênero influencia na escolha em áreas exatas, a maioria das mulheres acredita que o gênero tem influência no ingresso em cursos de engenharia, enquanto apenas 13% consideram que não há relação entre ambos (FIG. 9).

Figura 8 – Motivação da escolha por Engenharia.



Fonte: Autores.

Figura 9 – Influência do fator gênero na escolha por engenharia.



Fonte: Autores.

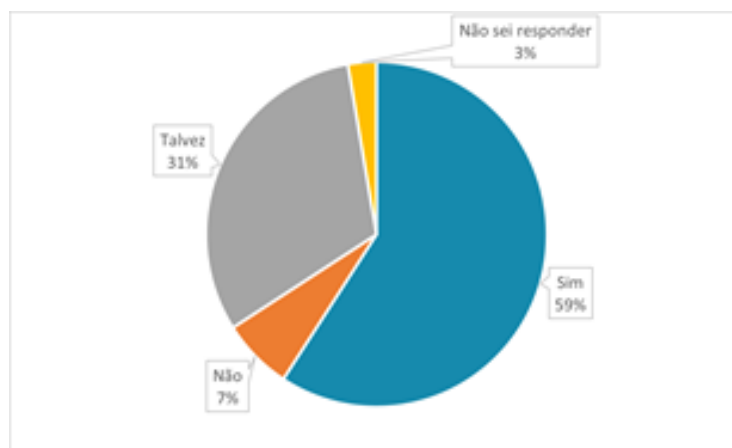
Partindo da hipótese de que tanto na educação básica quanto no ambiente familiar as mulheres tendem a ser pouco estimuladas a cursar áreas relacionadas às ciências exatas, foi proposta uma pergunta a respeito do papel da escola e família em relação ao ingresso/formação na área. Como resultado, 59% acreditam que se recebe pouco estímulo na escola e 51% das mulheres na família (FIG. 10 e FIG. 11).

Tendo em mente a dupla jornada de trabalho, entre o emprego e atividades da casa, exercida por grande parcela das mulheres aliada ao constante preconceito sofrido, procurou-se saber se as alunas de engenharia possuem pretensão de seguir carreira em suas áreas de estudo ou acreditam que isto seja um empecilho. Neste, foi constatado que 83% das entrevistadas pretendem continuar a carreira profissional em suas respectivas áreas de formação (FIG.12).

Além disso, no questionário 38% das graduandas informaram que já sofreram algum tipo de preconceito por terem escolhido engenharia e serem mulheres, onde a maioria dos julgamentos vieram de professores, amigos e familiares homens, enquanto para professoras, amigas e familiares mulheres o índice é menor (FIG. 13). Em relação ao âmbito profissional, 27,2% das mulheres já sofreram algum preconceito por parte do setor de recursos humanos de empresas e de colegas de trabalho (FIG. 14).

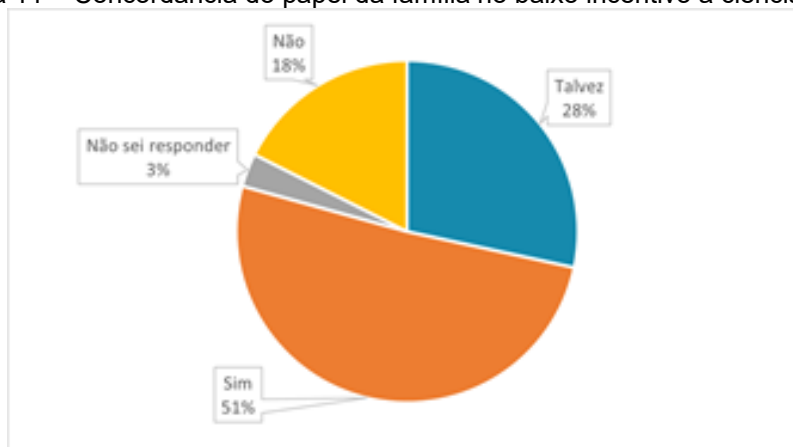


Figura 10 – Concordância do papel da escola no baixo incentivo à ciência exata.



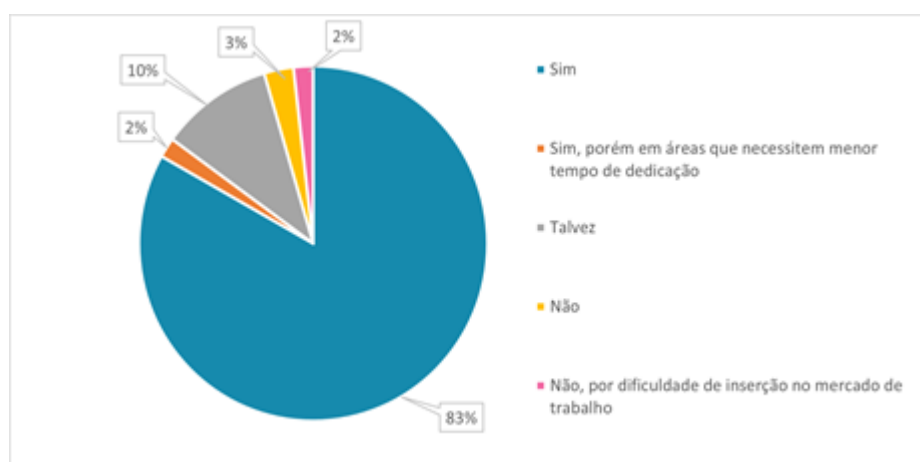
Fonte: Autores.

Figura 11 – Concordância do papel da família no baixo incentivo à ciência exata.



Fonte: Autores.

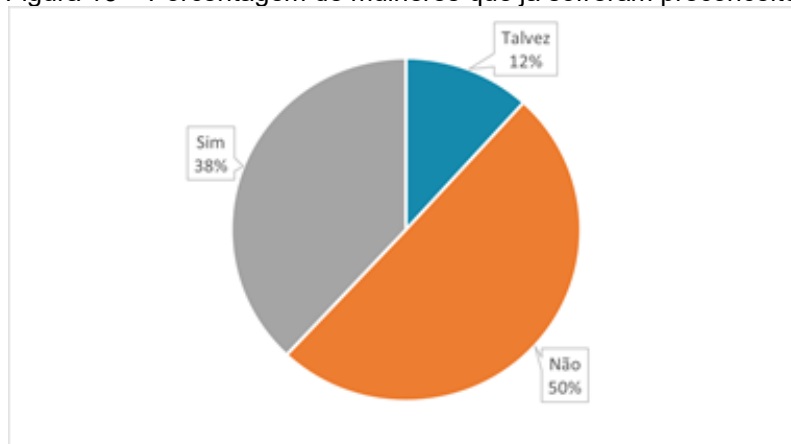
Figura 12 – Intenção sobre área de atuação.



Fonte: Autores.

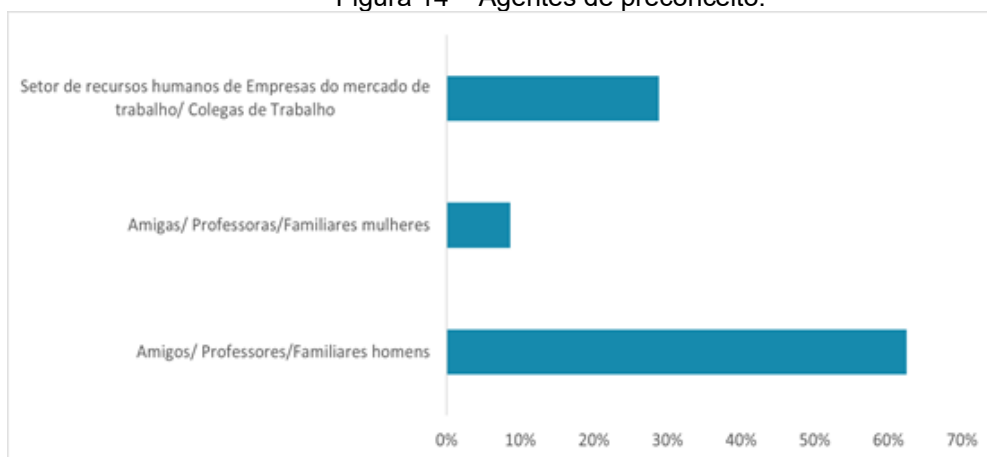


Figura 13 – Porcentagem de mulheres que já sofreram preconceito.



Fonte: Autores.

Figura 14 – Agentes de preconceito.



Fonte: Autores.

Ainda ligado ao preconceito sofrido pelas mulheres, foi disponibilizado um campo no questionário onde as estudantes poderiam relatar situações vivenciadas por elas ou que observaram. Das 223 respostas, foram obtidos 45 relatos de situações que envolvem tanto assédio quanto desqualificação da capacidade cognitiva e física da mulher. Alguns desses relatos estão expostos na Tabela 1, respeitando-se a confidencialidade da autoria deles.

Tabela 1- Relatos de situações de preconceito.

Amigos	"Já falaram pra mim que engenharia química só tem mulheres e gays, porque é a engenharia mais semelhante à cozinha (comparando laboratórios com cozinha)"
	"...afirmou que a profissão que eu escolhi não se encaixava no meu gênero, que eu poderia ter escolhido algo mais "feminino"
Familiares	"Trabalho no ramo offshore, ... perguntou se meu trabalho era entreter os homens do navio com <i>striptease</i> ."



	<p>"... disse "a mas isso nem é curso de mulher, é muito fácil falar que faz engenharia só pela internet e nunca ter colocado a mão na enxada""</p> <p>"... tentou mudar minha opinião quando eu disse que queria cursar engenharia porque não era uma "profissão para uma menina"."</p>
Professores	<p>"... pediu para fazer um exercício durante a aula e ficou andando pela sala, ... parou do meu lado e ficou olhando. Expliquei que não me sentia confortável, e ... falou "não se preocupa, nem precisa fazer, eu sempre dou nota pra mulheres, agora os homens, eles precisam fazer e acertar..."</p> <p>"... disse que a indústria é muito machista e que ele discordava com tudo isso, mas que era melhor eu formar e virar professora, pois teria tempo de cuidar do meu filho e ter tempo com meu marido."</p> <p>"... disse em sala de aula que as meninas estavam ocupando a vaga de alguém na faculdade que realmente queria estudar (vulgo um homem) porque provavelmente casaríamos e viraríamos donas de casa."</p>
RH de Empresas	<p>"Em uma entrevista para <i>trainee</i>, ... viu minha aliança e passou a perguntar coisas como: 'Você vai casar? Pretende ter filhos?'. Acredito que se eu fosse homem, essas perguntas não seriam feitas;"</p> <p>"Em uma entrevista de emprego, ... disse para mim que apesar do meu currículo ser bom e ter experiência na área não poderia me contratar porque eu era mulher e o trabalho era pesado demais para mulheres. obs.: era para o mesmo cargo e função que exercia a três anos em outra empresa."</p>

Fonte: Autores.

Além das situações apresentadas na Tabela 1, casos nos quais as decisões femininas foram amplamente contestadas em contraste com as decisões feitas pelos amigos homens e a recusa dos professores em sanar as dúvidas das mulheres também foram 'denunciadas'.

Analisando os resultados obtidos com os anteriores (MELLO et al, 2017), percebe-se um aumento na composição das mulheres na escola de engenharia da Universidade Federal Fluminense campus praia vermelha de apenas 0,7% em três anos. Tal fato evidencia que não houve uma evolução significativa nesse cenário.

5 CONCLUSÃO

As dificuldades e esforços das mulheres para conquistar um espaço no mercado de trabalho vêm de longa data e, mesmo alcançando diversas conquistas, estas ainda não

possuem uma presença expressiva ao se comparar com os homens, principalmente em cargos de liderança. O Brasil, particularmente, continua muito retrógrado ao tratar do assunto, tendo uma das piores diferenças salariais por gênero das Américas e com uma sociedade enraizada no patriarcado.

A partir da pesquisa e dos resultados obtidos, se torna claro que a presença da mulher no mercado de trabalho, principalmente nas áreas tecnológicas, persiste sendo alvo contínuo de preconceitos. Julgamentos, estes, produzidos tanto pelo setor empresarial, quanto por professores e familiares, criando um cenário repleto de obstáculos durante toda a trajetória profissional das mulheres. Evidencia-se, com base no universo de pesquisa deste artigo, esta falta de estímulo pela baixa adesão de mulheres em engenharia em comparação aos homens, contando apenas com 39% de intenção de matrícula no SISU do ano de 2020.

Diante dos resultados da pesquisa, percebe-se a fundamental necessidade por políticas públicas que visem o incentivo à participação das mulheres em carreiras tecnológicas e a igualdade de gênero. A dicotomia não é um reflexo do nível de instrução e sim da falta de estímulos e preconceitos nas áreas tecnológicas.

Agradecimentos

Os autores agradecem ao MEC-SESu, à Escola de Engenharia e à PROGRAD pelo apoio. Agradecem a todas as alunas da Escola de Engenharia da UFF que prontamente responderam à pesquisa, possibilitando apresentar resultados relevantes neste artigo.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA O GLOBO. **Pandemia faz sete milhões de mulheres deixarem o mercado de trabalho na última quinzena de março.** Pequenas Empresas Grandes Negócios | Negócios (globo.com). Acesso em: 08 maio 2021. Disponível em: <https://revistapegn.globo.com/Negocios/noticia/2020/06/pandemia-faz-sete-milhoes-de-mulheres-deixarem-o-mercado-de-trabalho-na-ultima-quinzena-de-marco.html>

CÂMARA DOS DEPUTADOS. **Projeto de Lei da Câmara nº 130, de 2011.** Acesso em: 08 maio 2021. Disponível em: <https://www25.senado.leg.br/web/atividade/materias/-/materia/103844>

CONFEA. **Banco de dados.** Disponível em: <https://relatorio.confea.org.br/Profissional/ProfissionaisPorGenero>. Acesso em: 06 mai. 2021.

FONSECA, Mariana; SUTTO, Giovanna. **Participação das mulheres no mercado de trabalho é a menor em 30 anos – e a pandemia é parte do problema.** Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/carreira/participacao-das-mulheres-no-mercado-de-trabalho-e-a-menor-em-30-anos-e-a-pandemia-e-parte-do-problema/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

IDOETA, P.A. **Mulheres são maioria nas universidades brasileiras, mas têm mais dificuldades em encontrar emprego.** BBC News Brasil. 2019 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-49639664>. Acesso em: 08 maio 2021.

INTERNATIONAL LABOUR ORGANIZATION. **WORLD EMPLOYMENT AND SOCIAL OUTLOOK.** Disponível em: Data Finder - World Employment and Social Outlook (ilo.org). Acesso em: 06 mai. 2021.

MELLO, Ana et al. **Análise de equidade de gênero: estudo de caso na Escola de Engenharia da Universidade Federal Fluminense** In: XLV Congresso Brasileiro de Educação em Engenharia, 2017, Joinville. Anais. Joinville. Disponível em: http://www.abenge.org.br/sis_submetidos.php?acao=abrir&evento=COBENGE17&codigo=COBENGE17_00032_00000723.pdf. Acesso em: 06 mai. 2021.

OLIVEIRA, E. **Mulheres são 40% dos pesquisadores do Brasil que declaram ter doutorado nas 5 maiores áreas de conhecimento, aponta levantamento.** Disponível em: <https://g1.globo.com/ciencia-e-saude/noticia/2020/02/12/mulheres-sao-40percent-dos-pesquisadores-do-brasil-que-declaram-ter-doutorado-nas-5-maiores-areas-de-conhecimento-aponta-levantamento.ghtml>. Acesso em: 23 abril 2021.

SANTOS, Altair. **Centenário de formatura da 1ª engenheira do Brasil.** Disponível em: <https://www.cimentoitambe.com.br/massa-cinzena/centenario-formatura-engenheira/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

SOUSA, R. M.. **Casa-grande e Senzala e o patriarcado: um diálogo crítico com a teoria feminista.** Emancipação (UEPG. Impresso), v. 14, p. 61-72, 2014

SWE: Society of Women Engineer. **Canada Undergraduate Enrollment.** Disponível em: <https://research.swe.org/2016/08/canada-undergraduate-enrollment/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

SWE: Society of Women Engineer. **India Undergraduate Education.** Disponível em: <https://research.swe.org/2018/07/india-undergraduate-education/>. Acesso em: 06 mai. 2021.

UFF. **Sistema de Transparência UFF: banco de dados.** Disponível em: <https://app.uff.br/transparencia/graduacao>. Acesso em: 08 mai. 2021.

GENDER EQUITY: CHALLENGES THAT PERSIST IN UFF'S SCHOOL OF ENGINEERING

Abstract: *The gender equity issue is still a challenge in Brazil and in the world. The female participation in Engineering undergraduate courses and in the job market, where they receive lower salaries than men, demonstrate that public policies must be effectively implemented to solve this situation. This paper presents a reflection on this theme through the current analysis of the UFF School of Engineering. Although there has been a small increase in the number of women enrolled in Engineering undergraduate courses recently, there has been no significant evolution in this scenario, which was further exacerbated by the Covid-19 pandemic.*

Keywords: Women, Engineering, Gender, Equality.